

MEMÓRIAS DA MINHA VIDA, JOÃO AZENHA**ANÁLISE TEXTUAL - TIPOS DE DISCURSO**

Título	<i>Memórias da minha vida</i>
Autor	João Azenha
Obs.	Texto inédito

MEMÓRIAS DA MINHA VIDA

Por: JOÃO MANUEL AZENHA

Comecei a escrever estas minhas Memórias com setenta e seis anos

1) ««« DOS CINCO AOS DOZE ANOS»»»

Nasci em Alvarinhos no dia 23 de Janeiro de 1930... Alvarinhos era uma pequena aldeia, situada na freguesia de São João das Lampas no concelho de Sintra. Os seus conterrâneos eram uma gente pobre e humilde que vivia do árduo trabalho dos campos, salvo raras excepções, quase todos tinham uma pequena parcela de terreno, onde faziam as suas searas, e criavam os seus animais. Raros eram os que não tinham o seu bocadinho de terreno, estes trabalhavam por conta dos pequenos proprietários lá da Aldeia, os que viviam só do seu salário, como nem todos os dias tinham trabalho, viviam com grande dificuldade, de subsistência. Era assim também a vida dos povos das aldeias vizinhas na década de 1930.

Meus pais eram uma dessas excepções. É que meu pai era moleiro, e tinha um moinho de renda na Serra do Lima, onde ele trabalhava, mas como o moinho ficava muito distante de Alvarinhos, e os cereais eram transportados no dorso de um burro com uma albarda, que apenas transportava dez ou doze alqueires de cereais, cada viagem, como o moinho ficava muito distante de Alvarinhos, o meu pai levava cerca de uma hora para cada lado, nessas viagens e no restante tempo que lhe sobrava, tinha dificuldades em tirar um ordenado razoável, por isso montou uma pequena taberna, na casa onde vivíamos, minha mãe atendia os clientes, das poucas mercearias que tinham à venda, já que lá na aldeia havia poucos moradores. O que mais se vendia era o vinho, aos copos e às garrafinhas, em especial à noite e aos domingos, aí, já o meu pai ajudava a minha mãe, é que o moinho à noite e aos domingos não trabalhava porque havia pouco cereal para moer.

Nós éramos quatro irmãos, o P., o E., a L. e eu.

Certo dia lá na loja, o «tio J. C.», um pobre moleiro já velhote, em conversa com meu pai de quem era muito amigo, fez-lhe uma proposta, se meu pai lhe queria comprar o Moinho, e a Azenha, que tinha ali próximo em Santa Susana, que por ser para ele, lhe fazia um preço jeitoso.

Meu Pai, como tinha uma certa ambição de ir mais além, pensou no assunto, tentando melhorar a sua vida, foi-se aconselhar com o seu tio e padrinho M. A. J. dizendo-lhe que gostava de realizar esse negócio, mas não tinha dinheiro para o efeito. O seu tio e Padrinho não só o aconselhou a fazer esse negócio, mas, mais do que isso, garantiu-lhe que lhe emprestava todo o dinheiro que fosse necessário, e sem juros. O meu Pai fez o negócio com o Senhor José Casinhas, comprou o Moinho e a Azenha e os terrenos anexos aos mesmos e deixou de trabalhar no Moinho da Serra do Lima.

Com o Moinho e a Azenha em Santa Suzana, já mais próximo das localidades, meu Pai angariou mais fregueses e começou a ter mais trabalho por isso a ter uma vida mais desafogada.

Agora já com mais fregueses o trabalho era muito, mas havia mais lucros por isso meus Pais pensaram trespassar a loja e compraram uma vaca, e minha Mãe começou também a ter mais trabalho além de cuidar da casa tinha também que cuidar dos animais com a ajuda dos meus irmãos.

Aos poucos pagou tudo ao grande amigo, que tanto o ajudou a iniciar a sua vida, e ficou-lhe por isso muito agradecido para sempre.

Passados cerca de três anos meu pai pensou mandar construir uma Moradia, no seu terreno junto ao moinho em Santa Suzana.

Para construir essa Moradia, meu pai pediu dinheiro emprestado ao Sr. J. P. que morava próximo do moinho que lhe emprestou o dinheiro, mas já com um juro um bocado elevado.

Esse senhor, que era um homem com poucos escrúpulos, pensou que meu pai nunca conseguiria pagar-lhe essa dívida, e sendo assim um dia o moinho, a azenha e os terrenos

	anexos aos mesmos iriam ser-lhe hipotecados, aliás, o que esse senhor já tinha feito a alguns dos seus devedores. Só que meu pai continuava a ter muitos fregueses e a arte de moleiro naquele tempo dava um lucro razoável. Os meus irmãos já trabalhavam nas propriedades, minha irmã ajudava a minha mãe na lida da casa e a tratar dos animais, eu tinha seis anos e já ia com as vacas para os campos e assim a custo de muito trabalho e sacrifício conseguiram	
	em alguns anos pagar todas as dívidas.	

[1]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	744	1
Narração		

[2] ««LARÓ VELHO»»

Laró era uma alcunha do Avô de meu pai, portanto o meu Bisavô, era naquele tempo talvez o homem mais rico de Alvarinhos, não muito inteligente, era um pouco desleixado e molengão, tinha uma certa graça no que dizia, gênero de bobo lá da terra, e certamente por isso as pessoas achavam-lhe uma certa graça.

Eu era uma criança como qualquer outra da minha idade. Talvez por ser também um bocado desleixado e molengão e também porque tinha uma certa graça no que dizia, as pessoas achavam que eu era tal qual o meu bisavô, e certamente por isso, puseram-me a alcunha de

Laró, que perdurou até a minha adolescência.
das pessoas me dizerem «és mesmo Laró Velho».

Ainda me recordo

Desde criança que sempre me lembro

de me chamarem esse nome, ao ponto de que em Alvarinhos quase ninguém me conhecia pelo nome de João Azenha, mas sim por Laró ou Laró Velho. Com oito anos vim morar para Santa Suzana. Então aqui a princípio as pessoas chamavam-me João, mas depois passado algum tempo quase todos me chamavam novamente Laró. Alcinha que só depois de eu ter mais de vinte anos começou a desaparecer aos poucos.

Hoje só por brincadeira me chamam Laró, «a qual eu acho uma certa graça».

[2]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	23	3
Discurso teórico		
Relato interativo	188	3
Narração		

[3] ««PEQUENAS HISTÓRIAS VERÍDICAS, DE QUE EU ME LEMBRE»»

Com cinco anos de idade, [] lembro-me que um dia, ainda antes de nascer o Sol, o meu pai mandou-me ir com os meus irmãos para a «peça», uma Vinha, ali perto de Alvarinhos.

Próximo do meio-dia, o meu Pai chegou lá à vinha e disse-me, com um sorriso, «João vai para casa, que a mãe teve um menino, vai lá vê-lo e dar-lhe um beijinho», eu, muito admirado e surpreendido, lá fui andando e correndo todo contente até a casa, ao ver o Menino, e ao olhá-lo achei-o engraçadinho, dei-lhe uns beijinhos e fiquei muito contente com aquela agradável surpresa. Tinha acabado de nascer o meu Irmão M..

Com cerca de seis anos, eu já tomava conta das vacas que iam pastar para as campinas, lembro-me que [] um certo dia no Inverno ainda cedo, fui com as vacas prò monte para o Confrade, mas estava lá muito frio, eu tinha o corpo enregelado, sentei-me numa pedra, comecei a choramingar. Ali perto estava um meu vizinho e amigo da família, a podar na sua vinha, que ao ouvir-me chorar aproximou-se e comovido disse-me, «ó Laró, como tu estás enregelado pá? Vai-te mas é embora, põe as vacas no curral e vai para casa...». Eu disse, «não, não vou, que a minha mãe ralha-me».

Ele com uma voz meiga disse-me, «não tenhas medo, vai, e diz à tua mãe que foi o tio Cachola que te mandou». Eu fui embora, fechei as vacas na arribana, quando cheguei a casa, a minha mãe muito admirada gritou «já te vieste embora?». Eu meio amedrontado disse-lhe, «eu estava a chorar com frio, o tio Cachola teve pena de mim, e mandou-me vir embora». Minha mãe olhou-me comovida, deu-me um beijo, e disse, «realmente eu nem sabia que estava tanto frio».

Muitas histórias destas haveria para contar, para descrever [] como era difícil naquele tempo a vida das crianças das aldeias.

Mas nós divertíamos-nos à nossa maneira, não havia brinquedos sofisticados, brincávamos com qualquer brinquedo que nós inventássemos, por exemplo, com dois carolos das massarocas de milho atados um ao outro e com um bocadinho de cana a fazer de canga, e um cordel preso a uma latinha das do atum, fazia de conta que eram os bois e o carro, assim como

outras simples brincadeiras, assim nos divertíamos, [] talvez mais do que as crianças desta época, que têm tantos brinquedos sofisticados que até quase que nem lhes ligam importância. []

Com sete anos, entrei na escola que era pertinho da minha casa, a nossa professora era a Senhora Dona M., mas alguns meses depois a Dona M. adoeceu e deixou de haver aulas em Alvarinhos por mais de um ano.

Quando eu tinha oito anos, os meus pais, eu e meus irmãos fomos morar para Santa Suzana, para a casa nova, que entretanto meu pai tinha mandado construir. Ainda nesse ano em Fevereiro de 1938 nasceu a minha irmã M. do R..

Como não havia aulas em Alvarinhos, fui para a escola do Pobral, por algum tempo, mas quando começou novamente a haver escola em Alvarinhos, voltei para lá embora a distância entre a minha casa as duas escolas fosse mais ou menos a mesma, mas como em Alvarinhos eu tinha lá os meus avós, os meus tios, e demais família, meus pais preferiram que eu fosse de novo para a escola de Alvarinhos. Agora com uma nova professora, a Senhora Dona J..

Eu, como aluno, era um aluno razoável mas tinha dificuldades nas contas de reduzir e nos ditados dava muitos erros, mas era bom em redacções, fiz o exame da terceira classe com doze anos, perdi dois anos por motivos da mudança de escola e por faltas das professoras.

Um ano antes tinha feito a minha primeira Comunhão. []

[3]	Nº palavras	Nº ocorrências
	s	s
Discurso interativo	33	4
Discurso teórico		
Relato interativo	585	2
Narração		

É que meu pai já tinha encomendado a bicicleta para aquele dia e lá em casa todos sabiam menos eu.

Qualquer pessoa imagina a alegria

que eu senti naquele momento.

Aquela surpresa foi tão agradável, que fez renascer em mim uma auto-estima, que me deu como que uma nova vida, desse dia em diante comecei a agir de uma maneira diferente, e aos poucos ia-me sentindo mais responsável, os meus pais iam ficando agradavelmente surpreendidos com a minha reacção.

Certo dia um tio meu de Alvarinhos disse-me «ó João, o teu pai está muito contente contigo, diz que mudaste como de o dia para a noite».

E era verdade, eu tinha perdido os complexos de inferioridade, sentia-me com mais entusiasmo, com mais gosto de viver.

Entretanto minha mãe adoeceu, e o meu irmão M. também, meu pai, muito preocupado com as doenças de minha mãe e de meu irmão, entregou-me a mim quase toda a responsabilidade da moleiraria, o que não era fácil, mas felizmente tudo correu bem, eu realmente tinha mudado muito.

[4]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo	10	3
Discurso teórico		
Relato interativo	893	4
Narração		

[6] »»» O LARÓ E OS MELÕES DO TIO A. P. «««

281

Uma vez à noitinha estava eu no moinho apareceram-me lá o meu amigo A. da L., que tinha por alcunha «o Marreta» e o seu primo M. J. e o J. L., a convidar-me para irmos aos melões à moita do tio A. P., a princípio não queria ir mas eles lá me convenceram, quando chegámos à entrada do meloal, o M. por malandrice disse, «o melhor é tirarmos as botas, para não fazermos barulho», mas eu não quis e disse, «isso é que era bom!». E lá fomos apanhar os melões, estava eu a cheirar um melão para ver se estava maduro, oiço dois tiros de espingarda, dados mesmo ali perto de mim, apanhei um grande susto, e fugi a correr com medo, saltei umas paredes até chegar a um caminho ali perto, que eu já conhecia, só não fui sempre a correr até ao moinho porque já lá perto deu-me uma pontada que eu fiquei à rasquinha, cheguei lá ao Moinho meio rebentado, fechei-me, lá dentro, e logo comecei a desconfiar que era realmente malandrice, pouco depois oiço-os, vinham a conversar e a sorrir, entretanto aparece o A. da L. fingindo que estava a chorar e dizia, «ó Laró, mataram o meu primo», eu disse-lhe «cala-te pá, eu ouvi que vocês se vinham a rir». E logo chegaram os outros também a sorrir eu senti-me muito ofendido e disse, «ó Marreta tu fizeste-me uma parte destas?».

Eles tinham trazido melões, comiam e riam, mas eu tinha ficado muito chateado com a brincadeira.

Depois durante muito tempo foi um falatório em Alvarinhos e não só. Passados anos ainda reinavam comigo, «ó Laró, os melões do ti' A. P. eram bons».

[6]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	281	1
Narração		

[7]»»» TOCADOR DE REALEJO «««

Eu e o T. cantávamos muitas vezes ao desafio, nos Carnavais, ou nas noites dos Santos Populares, nos bailes das fogueiras, onde nós, por brincadeira, lançávamos piadas um ao outro.

Talvez por isso, nós andávamos sempre a fazer partidas, que depois iriam ser relembradas nessas cantigas ao desafio.

Numa tarde, em que eu estava a trabalhar na azenha, apareceram lá o T., e o seu cunhado B., que foram cortar mato para uma propriedade pegada com a minha azenha, que era do sogro do T., passada aí uma hora o T. chamou-me e disse, «ó Laró, é pá, está aqui um ninheiro de galinha com seis ovos, vem aqui buscá-los», eles, ao apanharem o mato, tinham deixado uma pequena moita onde estava o ninheiro com os ovos, só que eles, por malandrice, tinham guardado os ovos, e um deles fez de propósito as necessidades em cima de uma pedra, e colocaram-na dentro da tal moita, quando lá cheguei e vi os excrementos que lá estavam fiquei danado, eles riam à gargalhada, eu voltei para a azenha a pensar naquela partida, pensando em me vingar. Ao meio da tarde voltaram a chamar-me dizendo, «agora é que é verdade, estão aqui seis ovos». Eu disse-lhes, «olha comam-nos vocês», o T. disse, «comemos nós como? só se forem fritos aí na lareira da tua azenha», eu pensava que era mentira, disse, «e porque não?». O T. mostrou os ovos e disse, «ó! estão aqui. Logo à noite vamos aí fazer um petisco, está bem?». Eu tive vergonha de dizer que não e concordei.

Pensei na vingança, lembrei-me que tinha lá o realejo pus a ideia a funcionar, e, já está, besuntei o realejo com caca de galinha, embrulhei-o, num papel bem embrulhado e coloquei-o dentro do saco do pão, e esperei, quando eles chegaram fomos fritar os ovos, depois pus o garrafão do vinho e os ovos fritos em cima da mó e fui buscar o saco do pão, e despejei o saco em cima da mó. O T. viu o embrulho e disse, «o que é isto?», eu respondi «é um realejo, é que eu às vezes à noite gosto de me divertir um bocado». O T. agarra o realejo, enche a boca. Soprou, chupou, deu um grande grito, e disse, «ah cabrão já me lixaste», e saiu a correr lavar a boca na caneira da água. O B. ria-se a bandeiras despregadas, eu sorria à socapa, quando o T. chegou, o B. disse-lhe «eu avisei-te que o Laró ia fazer das dele», o T. meio cabisbaixo afirmou «ó Laró, folhas? Isto foi um bocadinho de mais».

Depois em Alvarinhos também se falou durante muito tempo «no tocador de realejo».

[7]	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	448	1
Narração		

[8] »»» AINDA NA MINHA ADOLESCÊNCIA «««

Tal como os outros rapazes, eu nas horas vagas gozava a mocidade, divertíamo-nos à nossa maneira nas festas, nos bailaricos, e em outros locais de encontro. Como é normal tínhamos os nossos namoricos, eu não fugi à regra, namorei com algumas raparigas, nós gostávamos uns dos outros mas só para reinar, «criancices». Isto antes de namorar com a minha mulher. É que eu e a minha esposa quando começámos a namorar já tínhamos dezanove anos. Nós éramos primos, os nossos pais além de serem familiares eram amigos, e davam mostras de concordar com o nosso namoro, nós gostávamos um do outro, como já tínhamos uma certa idade, quando começámos a namorar chegámos à conclusão que o nosso namoro não iria ser apenas uma brincadeira de crianças, e que, se nós por qualquer motivo mudássemos de ideia, transmitiríamos ao outro com toda sinceridade, para que, se nós terminássemos tudo, ficássemos amigos como dantes.

[8]	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	152	1
Narração		

[9] O PRIMEIRO DESENTENDIMENTO DO NOSSO NAMORO

Namorávamos quase há três meses, havia a Festa de São Pedro em Sintra, onde as raparigas de Alvarinhos costumavam ir, todos os anos, a minha namorada convidou-me se eu queria lá ir também à Festa, que os namorados das outras raparigas iam todos. Eu disse-lhe que ia, se não houvesse «vento», pois que se houvesse vento eu tinha que ficar a trabalhar no moinho, e foi o que sucedeu, e não pude lá ir à Festa.

Nesse dia, como era dia de São Pedro, havia brincadeira, «baile» em Alvarinhos.

Eu fui lá ao baile, como era normal, quando lá cheguei notei logo que a minha namorada estava muito chateada, fui dançar com ela que após algum silêncio logo começou por desabafar. «Então, não quiseste ir à Festa, porquê? Se calhar não foste porque não quiseste, e eu passei uma tarde tão triste, nem imaginas, ao ver as minhas colegas de mãos dadas com os namorados, a passearem lá na Festa e eu ali sozinha e desprezada, as outras raparigas gozavam comigo, riam-se da minha tristeza, eu estava tão chateada que até pensei que se tu não foste à festa por falta de interesse, ou para arranjar uma desculpa para acabarmos o namoro, seria melhor terminarmos já...!»

Eu escutei em silêncio, depois com um impulso, apertei-a contra o meu corpo e meio zangado disse, «Ouve-me..! Então eu que ‘tive toda a tarde a trabalhar no moinho, sabe Deus com quanta tristeza, ao lembrar-me que vocês estavam todos lá na Festa a divertirem-se numa boa. E agora és tu que vens fazer-te de vítima? Eu tinha-te dito que se ‘tivesse vento não podia ir à festa, portanto já sabias o motivo por que eu não fui, ou será, isso sim, um protesto da tua parte para terminarmos tudo?».

Ela tinha ficado enervada por eu a ter apertado, e de lhe ter falado num tom sério, comovida disse, «João! Tu sabes bem que não foi por isso. Realmente tens razão, perdoa-me. Se desabafei assim, foi só pela grande tristeza que eu senti ao pensar que tu não tinhas ido por não querer, peço-te desculpa, és tu quem tem razão». Apertou a minha mão com força e disse-me com meiguice, «João, por favor, perdoa-me!».

Lembro-me que ambos esboçámos um sorriso, prova de que nosso contrato estava ainda mais vivo.

[9]	Nº palavras	Nº ocorrências
	s	s
Discurso interativo	2	1
Discurso teórico		
Relato interativo	383	2
Narração		

[10] SEGUNDO DESENTENDIMENTO DO NOSSO NAMORO

Assim ia o nosso namorico sempre numa boa, até que surgiu um novo problema. Em Alvarinhos havia o hábito em que os namorados durante a quaresma iam namorar ao «muro», isto é, junto à estrada, havia um largo com um muro, onde aos domingos de quaresma à tarde se juntavam as raparigas que tinham namoro, assim como algumas Mães que iam para ali passar o tempo a remendar, e para vigiar as filhas, até que depois à tardinha chegavam os namorados, que se juntavam às namoradas, e se encostavam ao muro aos pares a uns metros de distância uns dos outros, e ali estavam a namorar até já noite escura.

Eu pensei que não gostava de ir namorar naquele juntia, e combinei com o meu primo M. A. tentar convencer as nossas namoradas para irmos namorar para o «penedo», um local perto da casa delas, foi o bom e o bonito. Elas logo pensaram que ao irem namorar no local onde nós pretendíamos, que, por ser um local mais isolado, nos dava mais oportunidades para a brincadeira, era como que entregar o «ouro ao bandido». E em sua defesa elas diziam, «por que razão é que nós não íamos namorar junto aos outros no lugar onde é o habitual?». Nós argumentávamos que o nosso namoro era já a pensar num futuro próximo, e não para namorarmos anos seguidos, como alguns desses namoros antigos que lá havia.

«Vocês querem é ser mais espertos do que os outros, não é!» diziam elas.

Foi uma discussão pegada entre nós dois, e elas as duas, durante os bailes de carnaval, nada ficou resolvido.

No primeiro domingo de Quaresma Eu e M. A. pensámos ter uma conversa com elas, nós sabíamos à hora que elas vinham da Missa, e fomo-nos juntar com outros rapazes no local onde elas iriam passar. Elas também estavam interessadas em falar connosco e, ao verem-nos, logo fizeram sinal para que nos juntássemos para falarmos um pouco, tentando convencer-nos a juntarmo-nos aos outros no local antigo. Como eu não acedi a minha namorada propôs que se eu quisesse nos podíamos encontrar aos domingos à tarde lá no largo da loja ou então podíamos escrever-nos.

Eu não aceitei, alegando que se o nosso namoro era mesmo a sério, e não para passar o tempo, se ninguém nos proibia de falarmos onde nós quiséssemos, «isso agora já é um capricho vosso, portanto a minha proposta é a seguinte, nós não nos encontraremos nem nos escreveremos, só falaremos no baile, no dia de São José, baile que habitualmente se realizava a meio da quaresma, se tivermos de ser um para o outro seremos na mesma, de resto, seja o que Deus quiser». E assim terminou aquele pequeno encontro.

Eu tinha a certeza de que nós não estávamos muito tempo sem nos falarmos e que o nosso contrato não iria terminar, até pelo contrário eu decerto que iria ter mais e melhores oportunidades.

Naquele Domingo à tarde estava eu em Santa Susana a jogar o chinquillo com outros colegas, apareceu-me lá o M. A. todo contente e disse, «é pá, vamos, elas estão lá à nossa espera, foram à loja falar comigo e aceitaram em irmos lá namorar prò penedo».

Eu fui mudar de fato e lá fui juntar-me aos outros rapazes na taberna em Alvarinhos mais o meu primo M., chegou-se à hora, lá fomos todos namorar. Só que os outros foram para o local onde era o habitual e nós fomos para o penedo tal como nós queríamos.

O «Penedo» é um largo em Alvarinhos com mais de cem metros de comprimento, quando nós chegámos ao princípio do largo, vimos que elas não estavam no local que se tinha combinado, diz o M. A., «é pá, as gajas não estão lá, e se elas não aparecem?». Eu disse, «não aparecem? A gente espera lá por elas. Não aparecem? Isso é que era bom». Neste instante apareceram elas por detrás de nós a corricar a rirem-se, é que elas tinham-se escondido num pátio ali perto de onde nós passávamos e tinham escutado o que nós íamos a dizer. E diziam «vocês estavam com medinho». «Hã! ah pois não» disse eu, e assim na reinação lá fomos para o local por nós determinado, tudo terminou da melhor maneira.

Fez-se justiça, passámos uma quaresma muito divertida, e o nosso namoro ficou muito mais fortalecido. Um ano depois já tínhamos deixado de ir aos bailes.

[10]	Nº palavra s	Nº ocorrência s
	14	1
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	725	2
Narração		

[11] 3º CAPÍTULO – AGORA COM MAIS DE VINTE ANOS

Entretanto fui à inspecção, e fiquei apurado para a vida militar, mas o meu Pai como eu era o moleiro precisava muito de mim, e através de um conhecimento comprou-me a praça, para eu não ir à tropa.

Certo dia fui convidado pelos meus tios, e pais da minha namorada, para ir lá a casa jantar com eles, como é de calcular foi a confirmação do nosso próximo noivado, pouco tempo depois, a minha namorada disse-me com uma certa tristeza que desconfiava que estava grávida. Alguns meses depois nasceu o nosso primeiro filho, o B., no dia doze de Dezembro de mil novecentos e cinquenta e dois.

Daí em diante, embora ainda solteiro, senti-me um homem mais responsável. Se eu já me sentia atraído pela religião Cristã, apesar de só ir à missa de vez em quando, com essa grande alegria de em breve vir ser pai, aumentou essa vocação, agora já ia à missa quase sempre que podia, assim foi sucedendo até ao dia do nosso casamento, que foi no dia vinte e cinco de Abril, de mil novecentos e cinquenta e quatro.

Se o tratado de solidariedade que tínhamos feito no princípio do nosso namoro se cumpriu, com o nosso casamento esse tratado ficou ainda muito mais sólido, aumentando a nossa responsabilidade com o Sacramento do Matrimónio.

Até porque já tínhamos um Filho senti o dever de seguir com toda seriedade as palavras que ouvi do Sacerdote, prometi a mim mesmo respeitar esse juramento para sempre.

[11]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	248	1
Narração		

[12] «« DENTADINHAS NO MATRIMÓNIO NUNCA »»

Nunca!... E porquê, se eu e minha esposa nos amávamos. Eu nem sequer admitia que ela um dia me falseasse, por isso eu me sentia também no direito de a respeitar para sempre.

Após o nosso casamento, eu e minha esposa começámos a ir à Missa todos os domingos. Sentíamos-nos felizes naquele convívio, era como que um chamamento para a prática da religião.

Entretanto nasceu o nosso segundo filho, o M., no dia onze de Abril de mil novecentos e cinquenta e cinco.

Dei Graças a Deus pelo nascimento de mais este filho, continuávamos a assistir à missa. Comecei também a ouvir o terço na Rádio Renascença, rezado pelo Padre D..

Aquela voz um pouco sumida do Sr. Padre D., que eu na altura nem sabia quem era, pelo som da sua voz, pensava que fosse um senhor muito velhinho, mas gostava muito de o ouvir. Talvez daí comecei a sentir mais força pela Religião, era algo que me atraía, para que eu seguisse esse caminho da prática religiosa.

Certo dia apareceram na missa em Santa Suzana o Senhor J. N. e sua esposa Dona C., que eram um casal de militantes da «Acção Católica», «gente maravilhosa» a convidarem os que quisessem fazer com eles umas reuniões. Eu aderi, foi o começo da minha opção como Católico praticante.

A primeira reunião foi em Santa Susana, e depois nas Aldeias vizinhas. Várias pessoas aderiram graças à persistência do Sr. J. N. e de sua Esposa. Passado algum tempo, formou-se um Grupo de militantes da Liga Agrária Católica Rural da Freguesia de São João das Lampas, com a anuência do Senhor Prior Padre J. N. C., da qual eu fazia parte.

Com esse compromisso comecei a sentir mais responsabilidade como Cristão. Participava em reuniões com dirigentes, Diocesanos nos Retiros, em vários locais tais como Fátima,

Lisboa, Sintra, e alguns na zona do Oeste, etc.

[12]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	312	1
Narração		

[13] AS PARTILHAS COM O MEU CUNHADO

Um domingo à tarde, estávamos à conversa em casa do meu Sogro, que já estava viúvo, ele disse-nos, a mim e ao meu Cunhado M. F., «quando vocês quiserem eu dou partilhas de tudo». E nós ficámos logo apensar no assunto.

No Domingo seguinte à tarde, fomos os dois para a casa do meu cunhado de quem sempre fui muito amigo tentar resolver esse assunto, dividir as dezasseis propriedades, e a casa onde morava o meu sogro, que eram toda a sua herança, avaliámos ao pormenor as propriedades que mais nos convinham a mim e a ele. Dividimos metade para cada um, reflectimos um pouco e chegámos à conclusão de que nós os dois estávamos satisfeitos com a parte que nos calhou, depois demos um prazo de oito dias para falarmos com as nossas esposas e com o meu Sogro, no Domingo seguinte reunimo-nos novamente. Estávamos todos de acordo. O meu sogro ficou muito feliz, e disse, «nunca pensei que fosse assim tão fácil». E assim numa

tarde resolvemos as partilhas do meu sogro na maior harmonia.

Ainda hoje dou graças a Deus por isso.

[13]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	8	1
Discurso teórico		
Relato interativo	177	1
Narração		

[14] AINDA A MINHA PRÁTICA RELIGIOSA

No dia vinte e seis de Agosto de mil novecentos sessenta e seis nasceu o nosso terceiro filho, o «E.».

Em Maio do ano seguinte fiz o meu Curso de Cristandade no Rodízio em Colares, onde conheci gente maravilhosa, lá fiz grandes amigos da zona de Lisboa, e da Quinta do Anjo que naquele tempo pertencia à Diocese de Lisboa.

No dia dez de Junho de mil novecentos e sessenta sete faleceu o meu filho E..

Nos adorávamos aquela criança, que já era muito inteligente mas que infelizmente foi sempre muito doente, sofria de bronquite asmática. Faleceu com apenas dez meses de idade, nós adorávamos aquela criança, quando ele faleceu, eu tinha vindo há poucos dias do meu Curso de Cristandade, e tinha no meu espírito as muitas graças que lá tinha recebido nesse Curso. Quando no cemitério olhei o meu filho pela última vez senti naquele momento que o Senhor Jesus estava ali comigo, me dando forças para minimizar a minha dor, como que me consolando.

São essas Maravilhosas riquezas que nós recebíamos nos Cursos de Cristandade, ou nos Retiros que nos dava uma força divina muito grande, onde nos sentimos mais próximos do Senhor.

Nesses encontros onde ouvi grandes Oradores, tais como Padre S., o Padre M. assim como os Reitores desses cursos. Ouvíamos também nos encerramentos dos Cursos Testemunhos comoventes de pessoas anónimas que de coração aberto nos transmitiam coisas maravilhosas que lhes iam na mente.

Agora uma palavra amiga para o Padre C.. Prior da nossa Freguesia

que muito incentivava os seus paroquianos para essas obras religiosas e deu tudo quanto pôde pelos Cristãos e pela sua paróquia, «Deus o haja».

Como nós íamos sempre à missa, e eu pertencia à ação Católica, certo dia o Padre C. perguntou-nos, a mim e à minha Esposa, se nós gostávamos que o nosso filho B. fosse para o Seminário. Nós ficámos muito felizes e aceitámos. O B. foi para o Seminário de Santarém. Ter um filho no seminário era mais uma responsabilidade que eu tinha, para dar o exemplo como Cristão.

Com todos esses ensinamentos da realidade cristã, eu sentia-me como membro da acção católica, no dever de ser realmente um homem de exemplo.

Nessas reuniões, alguns Católicos mais progressistas incentivavam-nos ao progresso, para sermos mais úteis à sociedade.

Eu sempre com Deus no pensamento participei em várias actividades com sentido religioso. Além de membro da Acção Católica, onde participei em vários Retiros e em muitas reuniões, tive a honra de ser um dos onze convidados pelo Sr. Padre Casal para fazer parte da Comissão de obras para a construção da nova Capela de Santa Susana. Éramos doze. O M. L., J. L., G. D., B. J., J. S. P., M. R., A. C. S., J. B., J. A., C. da S. A. da Rosa, Eu, e o Padre C., onde participei com muito gosto, e ajudei quanto pude. Embora com grande sacrifício, é que eu já tinha os meus dois filhos mais velhos a estudar.

Também colaborei em várias obras para o bem da comunidade,

Fui convidado a fazer parte da comissão organizadora da casa do Povo de São João das Lampas, na qual participei durante três anos. Depois quando foi formada a sua direcção na qual fiquei como Presidente por mais três anos, eu não tinha habilitações nem conhecimento de causa, mas mesmo assim eu assinava cheques, propostas, e vários outros documentos, só nunca houve problemas porque tínhamos lá duas boas empregadas, e muito sérias, Dona

C. e Dona M..

[14]

	Nº palavra s	Nº ocorrência s
Discurso interativo	11	2
Discurso teórico		
Relato interativo	573	3
Narração		

[15] A COMPRA DO ÓRGÃO PARA A NOSSA CAPELA

Um dia fui com o J. L. a uma aldeia chamada «Pedra», para falar com o trabalhador da nossa máquina debulhadora, o A., ao falar com ele, ele disse-nos, «venham por cá logo, eu agora não vos posso atender, está na hora da missa é que hoje estreia-se um Órgão novo na nossa igreja, e é uma Jovem de cá da Nossa aldeia que vai tocar pela primeira vez: e eu quero assistir a essa Celebração, passem por cá logo».

Nós que nesse domingo ainda não tínhamos assistido à Missa, aproveitámos e assistimos também a essa missa.

Foi uma cerimónia linda, as pessoas vibravam de alegria ao ouvirem pela primeira vez um órgão a tocar na sua Capela, Eu ao ver aquele ambiente fiquei maravilhado, chorei de

alegria. Que Deus me perdoe,

mas tive inveja! Depois pelo caminho, em conversa com o J., disse-lhe «foi lindo. Seria uma maravilha termos também um órgão na nossa Capela». Fiquei com aquela bonita celebração no pensamento e prometi a mim mesmo fazer tudo o que eu pudesse, para que muito em breve tivéssemos também um Órgão na nossa Capela. Nunca divulguei essa minha ideia a mais ninguém. Entretanto no fim desse ano ofereci-me para fazer da parte nova da comissão da Capela, no ano seguinte e logo na primeira reunião, contei a história da missa da «Pedra» aos meus colegas de Direcção, e disse-lhes que achava muito bonito comprar-se um órgão para a Nossa Capela. Os meus colegas de Direcção foram unânimes em concordar, «o pior é o dinheiro?» disse alguém. «Isso é o menos», disse eu, outros comentaram, «e quem é que o vai tocar?», «ó pá isso é uma chatice», «qual quê, vamos tentar», comentei eu. Falou-se com Sr. Prior, que apoiou o nosso entusiasmo, comprámos o Órgão, fez-se uma pedida, ainda sobrou dinheiro. Falámos com as Irmãs do Centro Paroquial de São João das Lampas que nos disseram que havia uma Senhora em Sintra, a Dona H., que dava lições de órgão, em algumas Capelas. Convidámo-la e ela aceitou com muito gosto. Foram vários alunos aprender o solfejo entre eles os meus filhos, o L. e a M. J., nós só pagávamos a gasolina ao Marido da D. H., o Sr. A., essa gasolina era paga pelos pais dos Jovens que foram aprender o solfejo.

A pedido de Dona H. fui a Lisboa à casa Valentim de Carvalho, comprei os livros que a D. H. me indicou, começou-se a aprender o solfejo depois a praticar no órgão com as Irmãs de São João das Lampas. No Domingo de Páscoa do ano seguinte ouviu-se o Órgão pela primeira vez a acompanhar a Missa na nossa Capela.

Embora já todos tocassem mais ou menos, nesse Domingo foi o meu filho L. a tocar e, no Domingo seguinte, foi a minha filha M. J., depois foram os outros quatro,

não imaginam a alegria que eu sentia, sempre que eu ouvia um dos jovens acompanhar à missa, corriam-me pelo rosto lágrimas de felicidade, tal era a minha emoção. E dava novamente graças a Deus.

[15]	Nº palavras	Nº ocorrências
	s	s
Discurso interativo	8	2
Discurso teórico		
Relato interativo	502	3
Narração		

[16] AINDA A MINHA TENDÊNCIA RELIGIOSA

Eu que gostava tanto de ouvir o Sr. Padre D. dizer o terço na Rádio Renascença, imaginem qual foi a minha surpresa, quando num Domingo o vi a celebrar a Missa na Capela de Santa Susana.

O P. J., quando vendia na Praça de Cascais, teve como freguês o Sr. padre D., por ter lidação com ele, um dia em conjunto com uns amigos, pediram-lhe se ele queria vir Celebrar uma missa à Capela de Santa Susana, o Padre Dâmaso aceitou. Como gostou muito de ter cá vindo celebrar a missa ofereceu-se para voltar, sempre que fosse necessário. Entretanto, como o Sr. Prior da nossa freguesia tinha muitas dificuldades em dizer todas as Missas aos fins de semana, nas cinco Capelas da freguesia, numa conversa entre a comissão da nossa capela e o Sr. Prior da freguesia ficou assente fazer-lhe um convite, se ele poderia cá vir Celebrar a Missa aos domingos, o Sr. Padre D. aceitou, voltou a gostar do ambiente da nossa Comunidade, e começou a vir Celebrar todos os domingos, e não só, pois que também começou a vir dizer o terço à nossa Capela uma vez por semana. Isto durante vários anos, apesar da sua avançada idade, o Senhor Padre D. que

que agora tem setenta seis anos.

Ele diz que gosta muito da nossa comunidade, e nós também gostamos muito dele, nós participámos com ele em algumas festas de convívio, em vários locais, lembro-me de um encontro, na Serra de Sintra, foi simplesmente maravilhoso. Também, e por ser nosso amigo, foi de propósito a Leiria Celebrar a cerimónia do casamento do meu filho L.

O que penso dele! É um Homem Fantástico, é um Mensageiro do Senhor que tenta incutir nos Cristãos a verdadeira dimensão da palavra. Um grande exemplo como Padre que, apesar de vir de tão longe, chega sempre na hora exacta, não falha nem um minuto.

Mais tarde eu já com uma certa idade, a pedido do Senhor Padre A., fui nomeado Ministro Extraordinário da Comunhão. Dei algumas vezes a comunhão, e pelo Natal também dei algumas vezes o Menino a beijar, pouco mais fiz porque para isso não fui solicitado.

Segundo o Ritual do Ministro Extraordinário da comunhão o Ministro nunca deve exercer qualquer Missão Religiosa, sem que para isso seja solicitado.

Entretanto, por ter idade avançada, fui substituído pelo Jovem A. T., também Cursilista.

[16]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	57	3
Discurso teórico	22	1
Relato interativo	295	5
Narração		

17 A MINHA ORAÇÃO MATINAL

Ao longo dos anos todos os dias ao levantar-me rezo o Terço com os seguintes pedidos:

«No Primeiro Mistério»

Bendita seja a luz do dia, bendito seja quem a cria, bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo, filho da Virgem Maria.

Meu bom Jesus, seu Pai e sua Mãe, eu vos ofereço tudo quanto eu de bem fizer neste dia, assim como a minha Mulher, os meus Filhos, as minhas Noras, o meu genro, e os meus Netos, que seja para vossa honra e glória e salvação das nossas almas.

«Depois rezo um Pai Nosso, dez Ave Marias e o Glória ao Pai etc...»

«No segundo mistério»

Meu bom Jesus, seu pai e sua mãe, eu vos peço nesta minha oração por todos os que mais sofrem neste dia, os que sofrem com as catástrofes ecológicas, com os males das guerras, os que sofrem maldades causadas por outras pessoas, os que sofrem com a sida, com as doenças naturais, os acidentados, os drogados e seus familiares, e os presos que mais sofrem inocentemente, dai-lhes mais fé, mais esperança, e mais amor, para que possam suportar da melhor maneira todos os seus sofrimentos.

«Um Pai Nosso, dez Ave Marias e Glória ao Pai etc...»

«No terceiro Mistério»

Peço ao meu bom Jesus, seu Pai e sua Mãe Maria Santíssima, para que me ajudais a mim, à minha Mulher, aos meus Filhos, às minhas Noras, ao meu Genro, e aos meus netos, ajudai-nos em tudo, o que nós fizemos neste dia, em cada passo, em cada instante, e em cada momento, em cada palavra em cada obra e em cada pensamento.

«Um Pai Nosso e dez Ave Marias e a Glória ao Pai etc...»

«No Quarto mistério»

Meu bom Jesus, seu Pai, e sua Mãe, peço-vos pelo meu Neto T., que tudo seja do melhor para ele, ajudai também os seus Pais, o seu irmão G., a suportarem da melhor maneira aquela infelicidade com amor, com carinho e com fé no Senhor.

Peço-vos também pelo meu filho M., Esposa, e suas filhas, pela M. J., Esposo e filhos, e pelo L., Esposa e a Criança que irá nascer se Deus quiser.

Para todos os meus Familiares, para mim e para a minha Esposa dai-nos, Senhor, saúde e força para darmos sempre exemplo de Bons Cristãos.

«Pai Nosso e dez Ave Marias, Glória ao Pai etc...»

«No Quinto Mistério»

Meu bom Jesus, seu Pai e sua Mãe, Eu vos ofereço este quinto mistério em agradecimento ao Pai Celeste, porque nos enviou o seu Filho ao mundo, para remissão dos nossos pecados.

Ao seu Filho Jesus por tudo quanto sofreu, na sua vinda ao mundo, pela sua Paixão, pela sua Crucifixão, e pela sua Morte e sua Mãe Maria Santíssima pela angústia que sentiu ao ver todos os sofrimentos do seu bom Filho.

«Pai Nosso e dez Ave Marias, Glória ao Pai etc...»

Rezo Três Ave Marias e uma Salve Rainha que ofereço em Honra das alegrias de Nosso Senhor Jesus Cristo, Seu pai, e sua Mãe Maria Santíssima, para que ambos sejam louvados em toda a parte do mundo, adorados e glorificados milhões de vezes por segundo.

Esta é a minha oração da manhã de quase todos os dias de alguns anos a esta data e quase todos os dias leio um pouco da Bíblia.

À tarde rezo quase sempre o terço com a Rádio Renascença.

[17]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	562	1
Discurso teórico		
Relato interativo		
Narração		

[18] »»RECREIO E CULTURA««

Dediquei também grande parte do meu tempo à cultura e ao desporto. Fui um dos sete elementos que fundaram o Unidos Futebol Clube de Santa Suzana e Pobral, onde dei muito do meu tempo. Foram anos seguidos de muito trabalho, quer como membro da Direcção, membro do Conselho Fiscal, ou da Assembleia geral, era a minha segunda casa. Tal como os membros da Comissão de obras, que foram também uns autênticos sacrificados, assim como

muitos outros que se esforçaram para aquele grande empreendimento, que é o

Património do nosso Clube, ao qual escrevi o livro «A Minha Terra» que ofereci à comissão de obras, esta mandou editar dois mil livros.

As cegadas existiam antigamente nos subúrbios de Lisboa, eram umas brincadeiras ou seja, era uma tradição carnavalesca que se exibiam em especial na zona Saloia, recordo por

exemplo as cegadas de Alcoitão, de Bicece, da Baixa da Banheira, de Lourel, e de São João

das Lampas etc.. eram as que tinham mais fama, no concelho de Sintra e que se

efectuavam na quadra do carnaval, organizadas por grupos de seis ou sete pessoas, cinco declamavam e cantavam, acompanhados por um acordeonista, e dois que faziam uma pedida quase no fim.

Mandavam-se fazer as peças em Lisboa, a Poetas conhecidos, depois de serem bem ensaiadas, começavam a serem representadas. Percorriam bastantes Aldeias, cerca de quinze dias antes do carnaval.

Era uma maneira de divertir as pessoas, durante aquela quadra carnavalesca.

Em Alvarinhos havia uns rapazes que gostavam de se divertir, e tinham um certo jeito para cantar, e como havia lá um acordeonista pensaram em organizar uma cegada. Eu morava em Santa Suzana, mas convivía muito com aquela rapaziada, eles, como sabiam que eu gostava da reinação, e também tinha um certo jeito, convidaram-me, eu aceitei. Fizemos cegadas durante cinco anos seguidos, já éramos também consideradas como uma das boas cegadas daquela época, o último ano em que eu representei, fui eu que escrevi a peça, era um drama que tinha como título «O Fugitivo».

Na Páscoa seguinte faleceu o meu Pai. Como eu estava de luto pela sua morte, nesse ano não

participei com os meus colegas, que convidaram o F. para ir com eles. O F. era um

personagem do grupo de teatro da Assafora, que entretanto tinha casado em Alvarinhos, e era já considerado um grande artista. No ano seguinte, pensaram em fazer lá uma marcha para a qual me convidaram, a mim e a vários rapazes e Raparigas lá de Alvarinhos. O F. é que fez quase tudo, eu apenas escrevi uns versos para uma desgarrada, que era um complemento da marcha.

Visitámos as terras onde costumávamos ir com as cegadas, foi uma loucura, as pessoas ficaram maravilhadas. Dali nasceu a ideia de que no próximo ano iríamos tentar fazer uma peça de teatro, género de revista à Portuguesa.

Eu sentia uma certa vocação, e pensei em escrever uma peça de teatro, sem dizer nada aos meus colegas. Passados alguns meses, convidei o F., o T. e o E. para termos um encontro, quando eu lhes disse que tinha escrito uma peça de teatro. Foi uma risada geral, depois foi lida a peça, e vieram os comentários. «Realmente está jeitosa» disse o F.. «Está engraçada» disse o E., o T. que era um pouco pessimista disse a reinar, «Ah, vamos levar uma trapada, vamos!». O F., «Qual quê? com umas pequenas emendas fica porreira, vamos em frente» e disse, «eu vou começar a preparar as variedades».

No princípio do verão marcou-se uma reunião, para a qual convidámos mais alguns elementos. Nessa reunião, o F. apresentou também um Drama escrito por ele, do qual nós também gostámos, mas chegámos à conclusão que a peça que eu tinha escrito era mais acessível, mais fácil de representar, e ficou assente que naquele ano seria a minha peça a ser representada, e a do Félix no ano seguinte. O F. além de já ter muita prática tinha

uma grande imaginação para o teatro, género de revista à Portuguesa, escrevia as poesias, as músicas, ensaiava as marchas, imaginava os trajes, os cenários, a ribalta etc, era tudo com

	ele. O F. propôs que, como eu tinha certo poder de improviso, iria experimentar fazer de comper. E lá fiquei eu como comper. A pedido do F. era eu quem imaginava quase sempre as minhas piadas. Depois nos ensaios havia as rectificações que fossem necessárias. Convidaram-se vários Rapazes, e Raparigas para fazerem parte do que viria a ser o Grupo Cénico de Alvarinhos. Começámos a ensaiar e logo num dos primeiros ensaios, recebemos uma carta da Sociedade das Albogas, a pedir-nos que a nossa primeira saída fosse à sua colectividade, além de muito surpreendidos, como é que eles já sabiam? Ficámos comovidos e deu-nos uma grande força para continuar. As nossas primeiras actuações foram em Alvarinhos, em Santa Suzana, minha terra, em Assafora, terra do F., e no Salão Paroquial da nossa Freguesia. Depois, e apesar de termos vários convites, foi de facto às Albogas a nossa primeira saída. Eles reconheceram e receberam-nos com grande entusiasmo e a casa estava superlotada. No fim da nossa exibição e com grande surpresa de todos nós, numa sala à parte, lá estava à nossa espera uma mesa bem recheada com comida, bolos bebidas de tudo o que era bom. Foi um momento maravilhoso, sentíamos todos uma grande felicidade. E mais uma vez comovido eu senti que valia apenas ter fé em Deus. Aqui começa a ter força o nosso Grupo Cénico de Alvarinhos, Género Revista à Portuguesa, que talvez, pela nossa simplicidade, éramos sempre bem recebidos, e as salas ficavam sempre lotadas. Actuámos em quase todas as Colectividades do nosso Conselho, e do Concelho de Mafra, em Sintra, actuámos também várias vezes nos Cinemas, o antigo Cinema da Portela, e depois no Carlos Manuel, e em Mafra actuámos no Cinema Osório de Casto, em Cascais na casa dos Pescadores e na Malveira no Salão dos Bombeiros, onde vivíamos grandes momentos de convívio e de felicidade. Depois desta maravilhosa experiência, formou-se «O Céu do meu País» Grupo Cénico de São João das Lampas, com alguns personagens da Freguesia, que já tinham participado em outros grupos de Teatro, e com alguns Jovens Rapazes e Raparigas, que nós nem sequer conhecíamos. Mesmo assim, formou-se um grupo de gente maravilhosa, pela grande amizade que existia entre nós, éramos como se fôssemos uma família. Decorria tudo pelo melhor, assim continuámos a ter um grande sucesso. No nosso concelho e não só. A comprová-lo está a nossa ida a Lisboa, representar no Teatro Maria Vitória «Parque Mayer» e também no Teatro Maria Matos. «Ai que Saudades.» Os lucros do nosso grupo Cénico foram o primeiro dinheiro a ser depositado no Banco, para a construção da obra do Centro Paroquial de São João das Lampas, do qual nos orgulhamos muito. Depois eu ia escrevendo algumas rúbicas, que eu e um pequeno grupo de Carolas do teatro representávamos nas festas, ou em Sociedades actuando sempre em benefício de várias necessidades públicas. Também fui convidado a participar no palco do Cinema Carlos Manuel na «festa do Poeta» do concelho de Sintra organizado pela Dra. M. A. M. do Jornal Sintra onde recitei a poesia «Pensando e olhando eu vi» que eu escrevi para o efeito.	
--	---	--

[18]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo	34	3
Discurso teórico		
Relato interativo	1175	4
Narração		

[19] «««OS CARNAVAIS DE SANTA SUSANA E POBRAL»»»

Também fui um dos que mais colaborou nos grandes carnavais de Santa Suzana e Pobral. Foram seis anos de um trabalho intenso, para grande parte das pessoas da nossa terra: em todos esses anos, cerca de quatro meses antes do Carnaval, fazia-se uma Assembleia geral, onde era nomeada uma comissão para o efeito, chamada «comissão do carnaval». Essa comissão tinha a responsabilidade de convidar e organizar pequenos grupos, para que eles formassem os respectivos carros, e ainda tínhamos a responsabilidade de os ajudar e elucidar, nas suas difíceis tarefas. E era ainda a comissão do carnaval que ordenava todos os movimentos das diversões, no Palco, ou nos cortejos. Essa comissão era composta por sete elementos, eu como tinha um certo jeito, e me disponibilizava sempre para essas coisas, fui um dos que participou em todas essas comissões de carnaval.

[19]	Nº	
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	139	1
Narração		

[20] CONTINUAÇÃO DA MINHA VIDA APÓS O CASAMENTO

Casei-me no dia vinte e cinco de Abril do ano de mil novecentos e cinquenta e três, fui habitar para uma casa que meu pai mandou construir, para eu ir para lá morar, aliás, o meu pai mandou construir um prédio para cada filho. Excepto para o P. que foi viver para um prédio do Pai de sua Esposa.

Quando me casei, fiquei a trabalhar como moleiro por conta do meu Pai, com um ordenado inferior ao de um trabalhador do campo, mas como trabalhava de dia e de noite, aos domingos e dias santos, e como recebia ao mês o ordenado passava a ser mais ou menos igual, como eu só tinha um filho, a vida não era muito difícil, mas entretanto nasceu o meu segundo filho, o M., no dia onze de Abril de mil nove centos e cinquenta e quatro. A vida passou a ser um pouco mais difícil, tinha que se economizar ao máximo. As vidas naquele tempo eram muito difíceis. Passado algum tempo comecei a trabalhar a meias com o

meu pai, dividíamos a maquia, metade para cada um, para que se compreenda melhor esta pequena história, vou tentar dar uma explicação.

Os cereais eram medidos por o alqueire, ou por meio alqueire, medidas que eram feitas em madeira, o alqueire levava catorze litros, o meio alqueire levava sete litros, medidas essas com que o moleiro se servia para fazer o intercâmbio com os seus fregueses, isto é, o freguês mandava para o moinho seis alqueires rasos de trigo, e recebia do moleiro também seis alqueires de farinha, mas com um camoiço, só que um alqueire raso de trigo dava mais do que um alqueire de farinha com camoiço, ou seja, uma tarefa com seis sacos de trigo dava sete sacos de farinha, esse saco que dava a mais, chamava-se a maquia, ficava para o moleiro, como sendo seu ordenado, só que havia trigo em que a mesma quantidade, rendia mais ou menos farinha, consoante a sua qualidade, se tinha mais, ou menos impurezas, ou se a farinha era mais fina, aumentava de volume, se era mais arreloada diminuía de volume.

Certo dia ao dividir-se a maquia, que por acaso tinha rendido menos do que era normal, meu pai entendeu que aquela tarefa tinha obrigação de dar mais maquia do que a que eu lhe apresentei, ele disse-me com um ar um pouco carregado, «ó João, é pá, tão pouca maquia, estás-me a enganar ó quê!»

O meu pai estava a desconfiar de mim. Foi como que se ele me desse uma bofetada. Após um curto silêncio disse-lhe, «o pai está a desconfiar de mim, é? Então, se o Pai não confia em mim, eu entendo que o melhor é o pai arranjar para 'qui um empregado, eu vou-me embora». Meu pai muito vermelho disse, «vais-te embora? e vais trabalhar pra onde?». «Vou procurar trabalho nem que seja para as pedreiras. Segunda-feira já não venho», subi as escadas e fui para o engenho de cima, o meu Pai saiu, foi para a casa.

Passadas cerca de duas horas, meu pai apareceu lá no moinho, muito calmo e com certa tristeza disse-me, «João, perdoa-me, eu fiz mal, estou muito arrependido em ter-te dito o que disse. Tu não vais embora! Eu 'tive a pensar, vamos fazer um contrato, se tu quiseres, vou arrendar-te os engenhos. Passas a pagar uma renda, vai ser bom para nós dois. Compras-me o burro e a carroça, vais pagando como puderes. Se aceites podes começar a trabalhar por tua conta já no princípio do próximo mês». Eu fiquei comovido em silêncio e na dúvida disse «talvez». Meu Pai insistiu, «se quiseres tudo bem». Eu concordei.

Depois após um curto silêncio meu Pai disse-me, «ouve lá? porque é que quando eu ralho contigo tu ficas calado e não me respondes, é que muitas vezes da discussão nasce a luz». Eu respondi-lhe «o Pai sabe que eu não tenho feitiço para isso».

Realmente meu pai, com os meus irmãos, discutiam várias vezes por tudo e por nada, eu entendia que era uma falta de respeito.

Instantes depois chegámos a um acordo e no princípio do mês comecei a trabalhar por minha conta.

Não era nada fácil já que fazer os carretos ou seja buscar e levar os cereais aos fregueses dava muito trabalho, em especial no inverno é que os cereais que eram movidos na Azenha, eram transportados com o burro com a sua albarda, é que os caminhos eram tão maus que nem as carroças conseguiam chegar lá perto.

Por exemplo eu depositava na minha adega todo o cereal que transportava com a carroça das aldeias vizinhas que tinham bom acesso, depois esse cereal era transportado para a Azenha com o burro e com albarda que só podia transportar no máximo cento e cinquenta quilos cada viagem com uns caminhos péssimos muitas vezes tínhamos que andar por cima água, de lama era um grande sacrifício para o moleiro e para os animais.

Entretanto minha Esposa quando podia ajudava-me a fazer os carretos, isto é, ia com a carroça buscar o trigo e levar a farinha aos fregueses, só que já tínhamos duas Crianças e era difícil. Passados cerca de três anos comprei um tractor e as respectivas alfaías em segunda mão, agora com o tractor já era mais fácil, eu fazia quase todos os carretos com o tractor que era muito mais rápido, já que o próprio tractor chegava mesmo junto da azenha, depois comecei também a trabalhar com o tractor nas terras, nuns bocados que o meu sogro me dispensou, e outras que arrendei, e comecei também a fazer uns biscates para alguns pequenos agricultores. Entretanto como o B. e o M. andavam na escola, a minha Esposa tinha mais disponibilidade de tempo, comprámos uma vaca, e pouco tempo depois comprámos um porco para criar carne para comermos, vivemos assim durante alguns anos.

Depois o meu filho B. foi para o «Seminário».

No dia dois de Abril de mil novecentos e sessenta e dois faleceu o meu Pai, com sessenta e dois anos, ainda novo, que pena! para quem trabalhou tanto. No ano seguinte, como eu e os meus irmãos já éramos casados Minha Mãe aconselhou-nos a que fizéssemos as partilhas.

[20]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	13	1
Discurso teórico		
Relato interativo	1156	3
Narração	219	2

[21] HISTÓRIA QUASE INÉDITA

Um dia andávamos todos a cavar vinha na moita que era do meu falecido Pai. Depois do almoço na hora da sesta sentámo-nos à sombra de uma árvore, ali começámos a discutir o assunto das partilhas, cada um escolhia o que mais lhe interessava dentro de um valor possível, quem não tinha casas escolhia maiores valores em fazendas, a mim calhou-me a casa, o moinho, e a azenha, e pouco mais, o resto foi dividido pelos outros cinco irmãos, em valores que nós consideramos mais ou menos iguais. Em pouco mais de duas horas foi feita a partilha, mas com a condição de haver um prazo de quinze dias, para que as pessoas falassem com as suas famílias. No fim dos quinze dias fez-se novamente a dita reunião. Todos estavam de acordo. Agora só faltava assinar!

Bonita história!

[21]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	2	1
Discurso teórico		
Relato interativo	136	1
Narração		

[22] TRÊS PEQUENAS HISTÓRIAS DE PEQUENOS NEGÓCIOS

1. A TROCA DA MOTORIZADA

Eu tinha uma motorizada “Ilo Foguete” já velha que deixou de trabalhar, fui à oficina do M. P. na Terrugem, para trocar o Ilo com outra motorizada, nessa ocasião, eu estava mesmo em crise de finanças. Havia lá uma Zundap em segunda mão, como eu não podia gastar muito dinheiro, perguntei ao empregado, o T., que era muito meu amigo, nós os dois já tínhamos participado junto em cegadas e nos teatros etc... Falei-lhe na dita motorizada, ele disse com um sorriso irónico «o quê? Queres Comprar isto?», chegou o P., que era o patrão, o T. disse-lhe, «o João Azenha quer fazer uma troca, o Ilo com esta Zundap velha, o P. olhou para mim e disse, «ó pá, tu queres andar todos os dias a correr para a oficina, é?». Eu respondi «ó P., eu não queria, mas neste momento estou muito fraco de finanças, com os filhos a estudar a vida não está nada fácil». O P. ficou a pensar, depois apontou para a montra e com um sorriso disse, «ouve! vêς aquela Zundap que está ali na montra, é aquela que tu vais levar». Eu disse, «nem pensar! Não tenho dinheiro para isso». «Vais sim, pagas a prestações, não te rales», eu fiquei comovido e disse, «mais compromissos dos que eu já tenho, não». Ele insistiu, «levas esta motorizada, se algum dia não puderes pagar alguma das prestações, avisas-me, não há problema». Devido à sua persistência, pensei um pouco e disse «só compro aquela motorizada nas seguintes condições, ficas com o Ilo e eu pago-te o resto daqui por seis meses em Agosto quando vender a seara de trigo». O P. disse «negócio feito. T., tira a Zundap da montra».

Comprei a motorizada e paguei-lha em Agosto como havia sido combinado.

«Obrigado, P.».

[22]	Nº palavras	Nº ocorrências
	s	s
Discurso interativo	2	1
Discurso teórico		
Relato interativo	295	1
Narração		

[23] 2ª HISTÓRIA A COMPRA DO MEU PRIMEIRO CARRO

Um Domingo à tarde estávamos na adega do M. C.. Ele, Eu, o A., o D. C. e o F. L.. O A. era irmão do genro do M. C., éramos amigos, e nos fins de semana juntávamo-nos muitas vezes, nas nossas adegas, à conversa, a petiscar uns amendoins e a beber uns copos de vinho.

Nesse Domingo a certa altura o Afonso disse, «ó L., eu vou imigrar para a França, quero vender o meu carro «Ford Cortina». É um carro bom para ti, tens que me o comprar?». «Eu, isso nunca?» disse o L., «e porque não», respondeu o A.. «Era bom para ti e para os teus filhos, que já são uns Homens, eu faço-te umas condições boas, o carro está impecável e vendo-o por trinta e três contos, pagas-me treze contos na entrega do carro e os restantes vinte pagas para o ano quando eu vier de férias e não te levo juros. É um negócio de amigo! O L., peremptório, disse «isso é que era bom, eu pôr um carrinho nas mãos dos filhos, nunca!». Enquanto íamos conversando eu fiquei a pensar no assunto, e entendi que realmente era um bom negócio, e comecei a pensar, como o B. já trabalhava nas finanças ele e o Irmão M. iam estudar de noite, em Sintra, tinha que comprar outra motorizada, e nas noites de inverno eles tinham que vir ao frio, à chuva, pensei cá para mim, «a compra do carro era uma boa ideia».

Eu que nunca tinha sequer pensado em comprar um carro, já quase à noitinha disse meio à toa, «esse carro era bom era para mim». O M. C., que sabia das minhas dificuldades monetárias, disse, «o quê, tu não tens dinheiro nem para comprar um carro de mão», a malta desatou a rir, eu meio a sério disse, «nunca se sabe?». Continuámos na conversa, pouco antes de nos despedirmos eu disse, «ó A., se o L. não quiser o carro, não o vendas sem falar comigo». O M. C., ainda incrédulo, «ó pá, tu não estás bom da ideia com certeza». «Porquê?» disse eu, «já tenho feito tantos negócios sem dinheiro, é mais um».

Quando nos despedimos eu repeti, «ó A., já sabes, se o L. não quiser o carro, não o vendas sem falar comigo. Vou-me aconselhar com a minha família, se eles estiverem de acordo compro-o».

Falei com a minha Mulher e com os meus filhos, disse-lhes «eu entendo que é um bom negócio, só que é um bocado arriscado», mas como as condições de pagamento eram boas, todos concordaram que devíamos de comprar o carro.

No Domingo seguinte juntámo-nos de novo, o A. perguntou «então o carro vai ou fica?». O L. disse, «eu para mim não o quero». Eu disse «se tu não queres comprar o carro, e se o A. me fizer as mesmas condições que que te fazia a ti eu compro-lhe o carro».

O A. afirmou «pronto, está feito. As condições são as mesmas eu só vou para a França daqui a quinze dias, pagas-me nessa altura os treze contos e os outros vinte pagas para o ano quando eu vier de férias. «Negócio fechado.»

Na semana seguinte comecei a tirar a carta de condução, tirei a carta em pouco tempo. Entretanto o B. também a tirou, assi como o M. quando fez os dezoito anos, foi uma

compra inesperada mas muito importante para nós.

[23]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	571	1
Narração		

[24] »»»A SERVENTIA «««

A Terra Nova é uma propriedade que herdei do meu sogro, onde está feita a casa do B. tinha uma serventia de dois metros de largura, e cerca de sete metros de comprimento, ficava a sete metros de distância da estrada, a fazenda do António que era pegada com a minha formava portanto um quadrado entre a minha terra e a estrada, com cerca de setenta metros quadrados.

O A. C., quando pensou fazer a casa na sua propriedade, como a terra tinha pouca largura, pensou fazer um negócio comigo, eu autorizava que ele entrasse um metro na minha fazenda, e ele dava-me aquele quadrado, ficava a minha propriedade a chegar à estrada. Era um bom negócio para nós dois, só que a minha terra ficava também muito estreita e seria difícil para lá construir uma casa.

Pensei em falar com o meu amigo M. C., dono do terreno do outro do lado, se ele me vendia um metro de largura na sua propriedade, para eu poder fazer a troca com o A..

Combinámos o preço e fez-se o negócio e paguei-lhe. Eu queria que o M. C. dissesse à sua família. Ele não quis, dizendo «ó pá, é tão pouca coisa entre nós dois não há problemas, a minha propriedade é tamanha». Fiz a troca com o A. C., que em pouco tempo começou com as obras, e entrou um metro para dentro da minha fazenda, como tínhamos combinado, e eu entrei também um metro para a terra do M. C., como estava combinado. E aquele quadrado desapareceu e a minha terra ficou a chegar à estrada Tal como está.

Passado tempo, quando alguns dos familiares do M. C. souberam, queriam que ele se negasse ao negócio, houve até desavenças na família, chamaram-me lá a casa dele e eu expliquei-lhes que queria que ele dissesse à família, e que ele tinha dito que como era uma coisa tão pequena que nem valia a pena dizer à família. Logo houve alguém que levantou a voz e disse, «isto foi a fazer pouco da gente, mas não fica assim». O M. C. disse, «o quê? É mais certo eu dar um tiro na cabeça do que desfazer este negócio».

Eu e o M. C. tínhamos muita convivência, trocávamos muitos dias a trabalhar no campo, eu é que lhe fazia todo o trabalho com o meu tractor, fazíamos a vindima em conjunto, cheguei a lá ir pela matança dos porcos. Como eu era um amigo da família, não falaram mais no assunto. Tudo acabou em bem, e ficámos amigos como dantes.

[24]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	413	3
Discurso teórico		0
Relato interativo	16	3
Narração		

[25] »»»A OUTRA SERVENTIA «««

As Quitérias eram três fazendas pegadas, cada uma com sua caderneta, a Quitéria, a Quitéria do Poço e a Margaceira, propriedades que herdei do meu sogro, e que só tinham uma serventia de pé posto, entretanto, como havia lá pedra boa para ser explorada, vendi a pedra, mas não tinha serventia e pedi ao A. P. se me autorizava a passar por uma propriedade que ele trazia de renda e que era do seu Cunhado E., para transportar essa pedra, ele autorizou, passado algum tempo o A. P. disse-me que o seu cunhado, o Esmeraldino, lhe tinha telefonado de Inglaterra para me proibir de passar pela propriedade, porque o tinham o avisado que uma serventia de pedreira em pouco tempo ganhava posse, o E. era meu primo, e meu amigo, tinha sido também meu colega nas cegadas e nos teatros, eu disse ao A. P. que me desse o número do telefone do Esmeraldino, que eu ia telefonar a dizer-lhe que entre nós não haveria problemas e que nas férias falávamos nesse assunto, o A. P. passados uns dias disse-me «podes continuar a passar pela terra até as férias, sabes é que por inveja foram meter veneno ao meu cunhado, eu falei com ele e ele deu autorização». E continuei a passar por lá.

Para resolver o problema, eu pensei comprar uma propriedade ao D. M., que dava para um caminho público e fazer ali uma serventia. Falei com ele e comprei-lhe a propriedade.

Essa propriedade tinha uma pedreira, onde havia um contrato de exploração da pedra, com um tal A., ao fazer o negócio, para evitar problemas, fui a casa do A. e disse-lhe que tinha comprado a propriedade ao D., para fazer uma serventia, mas com a condição de eu respeitar o contrato que havia com ele em relação à exploração da pedreira, o A. a princípio barafustou, eu disse-lhe que só me interessava da serventia, a esposa dele ainda disse «desde que possamos explorar a pedra tudo bem», ele disse-me «pronto sendo assim concordo».

Fui novamente a casa do D., e disse-lhe que tinha falado com o A., o D. ficou satisfeito, e eu disse-lhe «amanhã vou ao banco buscar o dinheiro e pago-te». Nesse mesmo dia à tarde o D. apareceu-me lá em minha casa a dizer que o negócio ficava sem efeito, que o A. lhe tinha oferecido mais dinheiro. Fiquei tão chateado com a aquela falta de dignidade, que ‘tive bastante tempo sem falar com estas duas personagens.

Para resolver este problema, pensei em comprar uma serventia à minha prima, M. dos A., que vivia no Luxemburgo, dona de uma propriedade que dava da minha propriedade até à estrada, quando ela veio de férias falei com ela, se me vendia uma serventia no Degafo, e contei-lhe a história, da maneira como os outros se tinham negado ao negócio. Ela ficou admirada dizendo, «malandros».

Após algum silêncio ela disse «nesse caso, se o primo quiser falar com o dono da propriedade situada ao norte da minha, faz-se uma serventia, entre a minha e a dele que dá para nós os três e é bom para todos», falei com o dono dessa propriedade ele não quis e eu fiquei muito triste.

Falei novamente com a minha prima, e disse-lhe que ele não tinha aceite a nossa proposta, ao que ela respondeu «sendo assim vendo-te a serventia com a condição de esse Senhor, dono da outra fazenda, não ser autorizado a passar por lá nunca».

Fixámos o negócio. Uma serventia, com três metros de largura a todo o comprimento da propriedade denominada o Degafo, com a condição de a serventia pertencer em partes iguais apenas à vendedora e ao comprador.

Depois pus-me a meditar lá no cimo da Quitéria, medindo com os olhos a distância que seria o outro caminho se fosse à volta aos Cabeçudos e que era um mau caminho e a subir até aos moinhos e dali até a estrada da Laje, calculei que seriam mais de três quilómetros, ao passo que do cimo da Quitéria a até ao mesmo local «estrada da Laje» seriam pouco mais de cem metros, de um caminho quase plano. Serventia essa que valorizou as minhas propriedades em alguns milhares de euros.

Após tanta falsidade, fui eu quem fiquei a ganhar um valor incalculável. Foi quase como que

um milagre, graças a Deus.

[25]	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	724	1
Narração		

[26] A TROCA DO CORTINA PELA CARRINHA OPEL CADET

Eu andava com a intenção de trocar o carro Ford Cortina por uma carrinha Opel Cadet. Certo dia estávamos a jantar eu e meu Filho, o B., e ouvimos na rádio um locutor anunciando que os carros usados iam aumentar de preço, eu disse para o B., «amanhã tenho que ir à Adega Regional de Colares receber um resto do dinheiro do vinho, depois vou a Lisboa ver o primo J. F., em Sintra compro o Diário de Notícias, para ler no combóio, e ver se há algum anúncio de uma carrinha Opel Cadet, para observar os preços». Assim foi, em Sintra comprei o jornal, nos anúncios vinha lá só o preço de uma carrinha Morris mil e trezentos, que estava à venda na garagem do Hotel Rits.

Depois de visitar o doente, por curiosidade pensei em ir observar o preço desse Morris mil e trezentos, dirigi-me ao local indicado pelo anúncio, falei com um funcionário, mostrei-lhe o anúncio, ele disse-me, «o meu colega, o dono da carrinha, saiu agora mesmo, foi mostrar essa carrinha a um cliente, mas não deve demorar, se quiser esperar um pouco, eles podem não fazer negócio».

Eu, que só me interessava de observar os preços, como o homem demorou bastante tempo, por duas vezes tive a intenção de me ir embora, mas como tinha a tarde livre pensei esperar. Entretanto apareceu-me um Senhor que me perguntou, «é você que queria comprar a carrinha Morris», «sim sou» eu afirmei, ele respondeu, «acabei agora de a vender, segundo o que o meu colega disse, você chegou um pouco atrasado, é a vida». À saída da porta estávamos a despedir-nos diz-me esse Senhor, «ouça, eu tenho ali uma carrinha Opel Cadet em muito bom estado, talvez lhe interesse». Como era exactamente o que eu procurava, senti como que um impulso dentro de mim, tive medo que o Senhor se tivesse apercebido e disse quase à toa, «uma carrinha Opel, não, não estou interessado. Dizem que essas carrinhas quando transportam um certo peso são um bocado falsas, e derrapam um pouco», ele disse, «você é que sabe, se quiser vamos ali ver, está ali ao fundo da garagem», fomos lá, quando vi a carrinha fiquei encantado, era exactamente o que eu procurava. Esse tipo, que me pareceu ser um homem sério, disse-me, «se o Senhor estiver interessado na carrinha eu estou a pedir por ela oitenta e três contos, mas se quiser fazer negócio tiro-lhe três mil escudos, para ajudar a fazer a transferência». Eu disse-lhe, «não estou dentro do assunto, mas não será um pouco caro?». «Não vendo por menos». Eu pedi, «o Senhor faz-me um favor. O meu Filho tem que vir a Lisboa depois de amanhã, tirar o passaporte, eu venho aqui com ele, tenho lá um rapaz amigo que é mecânico, se o Senhor não se importa eles vêm ver o carro, se não houver problemas faz-se o negócio». Ele disse, «quer um conselho, se o Senhor está mesmo interessado na carrinha, vamos já acertar o negócio. É que um Senhor de Sintra veio ver o carro, e mostrou-se interessado, se não fixarmos o negócio hoje, amanhã pode ser tarde. Você tem algum dinheiro consigo?». «Tenho aqui oito mil escudos», «tudo bem» disse ele, faz-se o contrato, eu assino um documento em como recebi os oito mil escudos, quando vier o seu filho e o mecânico, se notarem algum problema com o carro o negócio fica sem efeito. Concorda?». «Tudo bem» disse eu.

No dia combinado, ao falar com o vendedor do carro disse-lhe, «eu não trouxe o mecânico, o meu filho vem aqui ter daqui a pouco, eu confio no Senhor, o negócio está feito, agora agradecia-lhe sinceramente, se o carro tiver algum problema diga, ele sorriu e disse, «sabe qual é o defeito que o carro tem? você deu-me oito mil escudos, eu dou-lhe mais dois mil, ou seja, dou-lhe dez mil escudos para desfazer o negócio. É que o Senhor de Sintra veio cá para comprar o carro e já me dava algum dinheiro de ganho. Eu disse «não, o negócio está feito, não se desmancha. E você, quer comprar-me este Cortina?». «Compro, sim, Senhor, e o que eu não lhe puder dar ninguém pode.» Mirou o carro e disse, «dou-lhe trinta contos pelo carro».

Eu sorri e disse «não dá mais nada?». Ele com um sorriso fez um gesto negativo com a cabeça e disse «eu não sou cigano».

Entreguei-lhe o carro, daí a pouco chegou o B. e ficou encantado com os negócios.

E assim nos despedimos, foi também um bom negócio.

[26]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	763	1
Narração		

[27] AINDA A CONTINUAÇÃO DA MINHA VIDA APÓS O CASAMENTO

Feitas as partilhas, como naquele tempo nas reuniões da Acção Católica as pessoas mais evoluídas diziam que para o progresso do país as pessoas deviam juntar-se em cooperativas.

Eu, os meus irmãos, o E., o M., e o meu Cunhado A., pensámos formar uma sociedade entre os quatro, juntámos tudo o que cada um fabricava, até o moinho e a azenha, as vacas, os porcos, a criação, tudo, até a nossa alimentação era feita em conjunto, para ser mais económico.

Comprámos dois tractores e as respectivas alfaias, tudo a prestações. Arrendámos várias fazendas, semeámos bastante trigo, centeio, grão preto, fabricámos as nossas vinhas, etc. Como tínhamos dois tractores e as alfaias novas trabalhávamos também para outros agricultores que nos contratassem.

A intenção era boa, só que nós tivemos pouca sorte, nesse ano foi um ano de um Inverno terrível para a agricultura, que nos deu bastante prejuízo, ficámos desanimados. Mas não desistimos, começámos a ir vender produtos agrícolas à praça de Cascais, foi uma ajuda, mas mesmo assim era difícil, depois ainda estivemos mais dois anos juntos, que nos ajudou a recuperar um pouco. Mas não era fácil continuar, até porque nós não tínhamos sido preparados para o efeito.

Quando deixei a sociedade com os meus irmãos, continuei com a agricultura, fiquei com um dos tractores e com as respectivas alfaias, fiquei também com algumas das melhores fazendas que estavam alugadas à sociedade, onde explorava trigo, o feno, o feijão o grão preto e o vinho, etc...! Ainda era moleiro, mas grande parte dos fregueses deixaram de coser, compravam o pão às padarias.

No ano de mil novecentos e sessenta e quatro, parei o moinho e a azenha deixei de ser moleiro, depois ainda participei em mais duas Sociedades. Eu e mais quatro colegas comprámos uma máquina ceifeira atadeira para ceifar o trigo.

Pouco tempo depois, entrei numa outra Sociedade, com vários agricultores, na compra de uma máquina debulhadora fixa. Passados alguns anos desistimos, porque essas máquinas foram ultrapassadas pelas modernas ceifeiras debulhadoras.

O meu sogro tinha-nos dado as suas vinhas para nós fabricarmos, como o meu cunhado estava empregado, era eu quem fabricava quase todas as vinhas do meu sogro. Depois aluguei mais algumas fazendas, trabalhava muito, a vida era difícil, mas eu não desistia. De dia ia lavrar para as fazendas dos meus patrões, e muitas vezes lavrava as minhas à noite ou de madrugada.

Entretanto o meu filho B. empregou-se nas Finanças de Sintra.

Minha esposa que como na altura tinha menos trabalho, era só cuidar dos filhos e da criação, começou a coser pão para vender, vendia o pão em casa, nas lojas, e em vários locais, quando começou a ter mais venda, e como tinha que amassar à mão, por vezes os meus filhos ajudavam a mãe a amassar. Até que comprámos uma amassadeira, o que facilitou muito a vida à minha esposa, que cada vez tinha mais trabalho. O B. levava pão quente para vender aos seus colegas nas Finanças de Sintra, que a minha Esposa tinha cozido naquela madrugada, minha Esposa chegou por algum tempo a ir também vender pão à praça da Ericeira. Agora tínhamos uns lucros razoáveis, com o dinheiro que eu fazia, com a venda dos cereais, a venda do vinho, com o dinheiro que ganhava com o tractor, com o lucro do pão que a minha Esposa vendia, e com o ordenado dos meus dois filhos, é que o M. também já estava empregado na Câmara Municipal de Lisboa como escriturário e assim íamos amortizando as dívidas que ainda eram bastantes.

Como na conservatória havia um engano, numa troca de números das cadernetas de um terreno do meu irmão E, e o meu terreno do moinho, para não mexer mais nas

partilhas vendi-lhe o moinho, para que não houvesse mais problemas.

[27]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	632	1
Narração		

[28] DATA DO NASCIMENTO DOS MEUS ÚLTIMOS TRÊS FILHOS

No dia vinte seis de Agosto de mil novecentos e sessenta e seis nasceu o meu terceiro filho, o E. T. A., que faleceu quando tinha apenas dez meses de idade.
 No dia vinte e quatro de Junho de mil novecentos e sessenta e oito, nasceu a M. J. T. A..
 E no dia dez de agosto de mil novecentos e sessenta e nove nasceu o meu último filho,
 L. T. A..

[28]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	72	1
Narração		

[29] JOGADAS DE ANTECIPAÇÃO

Eu tinha herdado um bocado de terreno, a meias com o meu irmão P.. Como nunca podia ali fazer uma moradia, pensei que, quando eu pudesse, iria ali construir um barracão agrícola. Um dia numa conversa com o meu vizinho A. S., ele muito chateado disse-me, «é pá, ‘tive agora a falar com os tipos da fábrica de tijolo, da Cruz da Léguas. Eu queria uma carrada de tijolo, e eles fizeram-me um preço razoável, mas disseram-me que, se eu comprasse duas carradas, faziam um preço ‘inda mais barato, «é muita diferença de dinheiro, mas eu não posso comprar as duas carradas, tenho que mandar vir só uma, mas é pena, dizem que os materiais de construção vão aumentar muito».

Eu disse-lhe «estou a pensar em fazer um barracão, mas não leva nem meia carrada», ele disse-me a brincar «e então? já tens dois filhos quase casadoiros, e o tijolo não se estraga, era uma boa oportunidade, uma vez que o tijolo vai aumentar?», e eu pensei um pouco e como tinha vendido o moinho há pouco tempo, mandei vir também um camião de tijolo para mim, essa carrada foi descarregada, metade no local onde foi feito o barracão, e a outra

metade na Terra Nova, onde é hoje a casa do B.,

esse camião de tijolo deu para o barracão, para a moradia que mandei construir, que é a casa do B.

e ainda vendi tijolo. Entretanto o tijolo encareceu muito, foi um bom negócio.

Algum tempo depois mandei construir o Barracão agrícola.

Quando o B. começou a namoriscar, eu comecei a pensar em fazer a casa para ele. Primeiro pensei em tratar o que era mais necessário. Mande fazer o projecto ao arquitecto, Sr. J. M. C., da C.M.S.. Como eu não tinha dinheiro nem muita pressa de fazer a obra nunca fiz grande caso de mandar apressar esse projecto.

Passado perto de dois anos, uma colega do meu B. também empregada nas Finanças disse-lhe que seu Marido, empregado na Câmara, lhe tinha dito que estava um projecto na Câmara quase a caducar, com o nome de J. M. A. e perguntou-lhe se ele sabia quem era! «É de meu pai» disse o B. e muito contente deu-me a notícia. Eu fui levantar o projecto sem ter trabalho nenhum.

Pouco tempo depois, com a cópia desse projecto, fui à Somapre a Pero Pinheiro, encomendei lá as vigas e os barrotes, em cimento para a casa, por cerca de onze mil escudos, eu não tinha pressa de começar obra, mas como nesse meio tempo surgiu a Revolução do dia vinte e cinco de Abril, os preços começaram a aumentar muito, eu comecei a pressionar a empresa, dizendo que queria começar a obra, como havia lá uma grande Política na fábrica, esta produzia pouco, eu ia lá à empresa com o contrato na mão, a pressionar os gerentes da firma, passou-se mais algum tempo, até que um dia um encarregado da firma me disse, «o material para esse projecto agora já lhe custa quase o dobro», eu reclamei e pedi para falar com o Senhor D. L., era ele que tinha feito o contrato comigo, eu pus-lhe as minhas razões, mostrei o projecto e disse-lhe que já lá tinha ido várias vezes para me mandarem o material e a firma adiava e não resolvia nada.

«Você tem toda a razão, eu trato disso», e lá conseguiu que mandassem todo o material escrito no projecto, pelo preço que tínhamos combinado.

Assim fiquei com as coisas que eram mais difíceis já tratadas.

Entretanto o B. pensou em casar-se, como já tinha o tijolo, as vigas e a planta da casa assinada, foi só mandar construir a casa. Entretanto já tinha mandado construir o barracão que quando foi feito foi com a intenção de um dia fazer ali uma moradia para o M., só que ele, depois de tirar o curso e quando se Licenciou, pensou casar-se e comprou um andar mais perto do seu trabalho e o barracão afinal ficou para guardar coisas agrícolas.

O dia vinte e cinco de Abril de mil novecentos setenta e seis foi o casamento do B., com E. R.. Quinze dias depois faleceu a minha Mãe.

Depois meti-me numa aventura que me saiu muito cara. Pressionado por um tal M., «grande vigarista», comprei-lhe uma cama de minhocas para produzir húmus, que só me deu

muito trabalho e um grande prejuízo próximo de três mil contos.

[29]	Nº	
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	13	1
Discurso teórico		
Relato interativo	726	2
Narração		

[30] COMO ESTUDARAM OS MEUS QUATRO FILHOS

B., o meu Filho mais velho, depois de fazer a quarta classe, entrou no Seminário de Santarém onde permaneceu internado dois anos.

M., o meu segundo Filho, depois de fazer também a quarta classe foi estudar para a Telescola no Centro Paroquial de São João das Lampas.

O B. porque tinha muitas saudades da família, ou talvez por não ter vocação para a vida religiosa saiu do Seminário, estava já no terceiro ano, entrou também para a Telescola, de São João das Lampas, mas, como perdeu a equivalência, ficou também no primeiro ano, tal como o M., e lá fizeram juntos o segundo ano de liceu. Depois estudaram no Académico em Sintra, «Colégio Particular», onde fizeram ambos do segundo ao sétimo ano de Liceu.

Estudavam à noite e trabalhavam de dia. O B. entretanto empregou-se nas Finanças de Sintra, dali saiu para ir para a tropa, quando saiu da tropa voltou para as Finanças de Sintra, deixou os estudos.

O M., que também tinha estudado de noite, de dia ajudava-me no trabalho do campo, chegando algumas vezes a trabalhar com o tractor, à noite ia para a escola, até completar o décimo segundo ano. Alguns meses depois empregou-se como Escriturário na Câmara Municipal de Lisboa, onde trabalhava de dia, e estudava de noite e assim tirou o seu curso Superior.

A M. J. e o L., depois de tirarem a quarta classe, estudaram no liceu da Portela em Sintra onde fizeram o décimo segundo ano.

Ambos trabalhavam de dia no escritório do seu Irmão M. no Cacém e estudavam de noite, depois dos estudos ainda trabalharam em Cascais, por conta de um ex-cliente do M., o Sr. Ministro dos Santos. O L. depois foi trabalhar para a Louricoop, «Cooperativa da Lourinhã», e a M. J. trabalhou como Secretária numa fábrica no Sacário.

O L. um pouco mais tarde foi estudar de noite para a faculdade, onde tirou também um curso Superior.

Depois o L. e a M. J. formaram em conjunto uma firma de contabilidade, «Os Azenhas», com o escritório em minha casa.

[30]	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	343	3
Narração		

[31] AINDA A CONTINUAÇÃO DA MINHA VIDA APÓS O CASAMENTO

Depois, continuei mais algum tempo, sem que houvesse algo de especial, mas com muito trabalho, cheguei a fabricar mais de quatro mil litros de vinho. Como tinha algum dinheiro, pensei montar uma moagem e voltar de novo a ser Moleiro. Modifiquei o local onde tinha as arribanas e uns palheiros velhos nas traseiras da minha casa, onde montei uma moagem, com uns silos que levavam mais de trinta mil quilos de trigo.

Comprei as peças para a moagem a um ferro velho de Arranhó, que eram de uma moagem do Alentejo, e assim comecei uma nova fase da minha vida de Moleiro.

Em mil novecentos e setenta e seis, em pouco tempo já tinha uma freguesia razoável de padeiras aqui da zona, os primeiros foram o J. P., a M. D. C. e outros, também fornecia farinhas a várias padeiras de maior consumo, tais como o F. H. no forno do pão Saloio da Feira Popular de Lisboa e um Restaurante na Buraca, outro em Mem Martins, que ocupavam muito do meu tempo mas já me davam um lucro razoável. Agora já sem dívidas e com uma vida mais desafogada, desisti das fazendas alugadas, fiquei apenas com as que eram minhas. Ainda fabricava alguns cereais e algum vinho, mas em pouca quantidade.

Ainda continuava com a moleiraria. E assim se foram passando alguns anos. Os meus Filhos mais novos iam crescendo e estudando.

Entretanto como não me sentia bem de saúde fui mandar fazer uns exames, que não acusaram nada bem, como já estava reformado e por motivo da doença, deixei definitivamente a arte de Moleiro.

[31]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	266	1
Narração		

[32] ALGUMAS ATRIBUIÇÕES NA DOENÇA

Tive uma doença ruim, princípio de um cancro nos intestinos, que felizmente foi detectado a tempo, quando ainda estava em embrião. Fui operado no Hospital de Amadora Sintra, pelo Médico Sr. Doutor D. F. onde tudo decorreu pelo melhor, graças a Deus. Quando saí do hospital, como não podia trabalhar com o tractor deixei totalmente a agricultura. Entretanto como já tinha escrito nuns cadernos umas Poesias e parte do livro «O Filho do Lenhador» tinha pedido ao L. se ele passava tudo o que eu tinha escrito para o computador. Quando saí do hospital e como fiz anos nessa altura, os meus Filhos deram-me como prenda um computador. Comecei a praticar, o L. e a M. J., que trabalhavam no escritório lá em minha casa, davam-me explicações, e assim comecei a praticar a escrever no computador. Durante a convalescença como já estava reformado passava grande parte do meu tempo a escrever no computador, primeiro, «O Filho do Lenhador», depois, um livro com a história da Sociedade de Santa Suzana e Pobral, «História da Minha Terra», livro esse que ofereci à direcção deste Clube, a qual mandou editar dois mil livros. E assim fui continuando com o Livro «Poesia e Cantilenas». Estes três livros já foram registados, no «ISBN» em Lisboa.

E tenho guardado nas disquetes do computador um livro em que descrevo umas pequenas histórias do Moleiro com todas as peças do Moinho e da Azenha, e mais algumas rábulas as quais algumas já foram representadas em pequenas festas.

Cerca de cinco anos depois foi-me detectada pedra num rim. E fui de novo tratado no hospital Amadora Sintra, pelo Senhor Doutor J. B., que me mandou para o Hospital de Santo António na Reboleira, para me partirem essas pedras do rim, fui lá quatro vezes. Passado um ano e alguns meses tive uma infecção no apêndice e fui operado de urgência novamente no Amadora Sintra, onde fui mais uma vez muito bem tratado, agora pelo Sr. Doutor Serguei.

[32]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	39	1
Discurso teórico		
Relato interativo	289	2
Narração		

[33] OS LADRÕES QUE NÃO ERAM LADRÕES

O «L.» era um moleiro que trabalhava no Moinho do Leitão, nas Lameiras, que fornecia a farinha à E. do J. F., esta um dia perguntou à M. D. C., «o teu Moleiro, o João Azenha, não te rouba na farinha?», «acho que não», respondeu a M. D., «o Ladrão do meu moleiro, o L., rouba-me sempre um quilo de farinha em cada saco de cinquenta e cinco quilos», disse a E.. «Tenho que mudar de moleiro. Por favor, diz ao teu moleiro, o J. A., que, se ele quiser ser meu moleiro, que leve lá quatro sacos de farinha a minha casa». Eu, como a M. D. me disse, levei-lhe lá a farinha, e comecei a ser o moleiro da E., passado pouco tempo, a E. disse à M. D. que eu também lhe roubava um quilo de farinha em cada saco, a M. D. disse-me. Quando eu fui levar a farinha casa da E., pedi-lhe para que se pesasse a farinha na minha presença, e realmente faltava um quilo em cada saco, eu disse-lhe que o defeito decerto que era do seu peso de cinco quilos, ela mandou conferir o respectivo peso, que tinha cem gramas a mais, o que na balança decimal representava um quilo. A E. ficou incrédula, é que ela vendia os seus cereais com aquele peso e roubava-se a si própria.

Afinal L. não era ladrão nem eu. A culpa era do peso.

[33]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	239	1
Narração		

[34] A DATA DO CASAMENTO DOS MEUS FILHOS

O B. casou-se no dia vinte e dois de Abril de mil novecentos e setenta e oito.
 O M. casou-se em Janeiro de mil novecentos e oitenta.
 A M. J. casou-se no dia vinte e seis de Setembro de mil novecentos e noventa e nove.
 O L. casou-se no dia cinco de Janeiro de dois mil e cinco.

[34]

	Nº palavras	Nº ocorrências
Discurso interativo		
Discurso teórico		
Relato interativo	58	1
Narração		

[35] OS MEUS NETOS

Até onze de Novembro de dois mil e sete, data em que estou a escrever este artigo, já me nasceram três netos e quatro netas, que à nascença eram todosãos e escoreitos, felizmente.

O B. e a sua esposa, Edite, tiveram dois filhos. O T. R. A. nasceu no dia doze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e três. O G. R. A. nasceu no dia vinte e seis de Setembro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O M. e a sua esposa F. G. A. tiveram duas filhas. A I. G. A. nasceu no dia vinte e oito de Agosto de mil novecentos oitenta e três. A M. G. A. nasceu no dia vinte de Julho de mil novecentos e oitenta e sete.

A M. J. e o seu Marido N. C. tiveram um filho e uma filha, o A. C. A., que nasceu no dia cinco de Setembro de dois mil e um, e a S. C. A., que nasceu no dia treze de Outubro de dois mil e cinco.

O L. e sua esposa N. tiveram uma filha, a M. J. A., que nasceu no dia onze de Novembro de dois mil e sete.

Tiago, o meu neto mais velho, filho do B., era uma criança saudável mas, a partir dos cinco anos de idade, apareceu-lhe uma doença terrível, que aos poucos o foi destruindo até à invalidez. Que grande desgosto.

Eu gosto muito dos meus netos, mas o meu amor pelo T. é muito mais do que amor, é também uma mágoa, uma angústia, que nunca esquece, pobre T., seus pais e seu Irmão. Que o Senhor os proteja e lhes dê coragem para enfrentarem aquela difícil situação, com amor, com carinho e com esperança.

[35]	Nº palavras	Nº ocorrências
	s	s
Discurso interativo	80	1
Discurso teórico		
Relato interativo	212	2
Narração		

[36] ÀS CINCO DA MADRUGADA

O telefone tocou, às cinco da madrugada, eu e minha Esposa estávamos deitados. Era a M. J., esposa do J. F., a pedir-nos por favor para que nós fôssemos a sua casa, dizendo que estava muito doente, quando lá chegámos, verificámos que eles estavam ambos muito nervosos, ela dizia que ia morrer. Tinha na mão um maço de notas, ou seja dez notas de cinquenta euros. E a chave do cofre na outra mão e dizia, «está ali mais, e o resto que ainda tenho é tudo para vocês, eu vou morrer e quero que vocês tomem conta do meu J.».

Eu e minha esposa ficámos chocados com aquela situação, meditei um pouco e disse, «eu não posso aceitar, vocês têm família que são os vossos herdeiros. Eles não iriam gostar, não é justo que nós recebamos seja o que for. O seu a seu dono, continuamos vossos amigos, mas entendo que o melhor é telefonar para alguém da vossa família».

A meu pedido a M. J. telefonou para o seu Sobrinho M. B., pouco tempo depois, o M. chegou, e eu disse-lhe o que se tinha passado, e que eu e a minha esposa entendíamos que «o assunto é um caso para ser tratado entre a vossa família, recusamos tudo, mas ficamos felizes com a nossa atitude».

O J. F. era um amigo de longos anos, trabalhámos muitos dias juntos no campo nas minhas fazendas e nas dele, mas foi muito mais dias nas minhas fazendas como meu trabalhador rural. Casou-se já tinha mais de sessenta anos e a Esposa tinha também perto de sessenta e ambos em primeiras Núpcias, apesar disso, foi sempre um casal muito amigo,

ele já tem noventa e seis anos e a Esposa mais de noventa, eu tenho vinte anos a menos do que ele,

a nossa grande amizade continuou, nós íamos várias vezes almoçar juntos com as nossas Esposas, festejávamos quase sempre os nossos aniversários em conjunto.

Eu e ele jogamos às cartas muitas vezes em sua casa já que ele não tem transporte. Grandes amigos.

	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	41	2
Discurso teórico		
Relato interativo	302	2
Narração		

[37] »»» DAR NÃO DÓI «««

Um dia em minha casa numa conversa em família, já a pensar no futuro, o L. que se tinha casado há pouco tempo disse que gostava de construir uma casa, de preferência no Covão, o M. acrescentou, «eu sou franco, para mim preferia a Fontainha de Baixo, é mais pequena, mas é mais abrigada, virada para o nascente, é uma maravilha».

Eu dei a minha opinião e disse «para mim preferia a Fontainha de Cima», a M. J. com entusiasmo afirmou, «ah, eu também», eu acrescentei quase à toa, «boa ideia, ficaria a terra da eira e o barracão para o B., se o B. quiser».

O B. que era o filho mais velho mostrando-se muito satisfeito, disse com entusiasmo «se todos estiverem de acordo, eu também estou e entendo que realmente é bom para todos nós».

Como todos tinham concordado, eu e minha mulher ficámos muito felizes ao termos doado aquelas quatro fazendas aos nossos quatro filhos.

Todos ficaram contentes. Tratou-se das partilhas. Havia duas fazendas que estavam em situação de indivisas. O B. levou as cadernetas para as Finanças e lá com os seus colegas de trabalho em pouco tempo resolveram o assunto. Tudo decorreu da melhor maneira.

Assim com toda lealdade e em poucos minutos decorreram as minhas primeiras partilhas,

Graças a Deus, por isso digo «dar não dói».

[37]	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	6	1
Discurso teórico		
Relato interativo	215	1
Narração		

[38] A MINHA MODESTA POLIVALÊNCIA

Não me considero artista em coisa nenhuma, mas como sou persistente, e com um pouco de paciência, tenho feito um pouco de quase tudo.

Na minha vida profissional, primeiro trabalhei como agricultor, cavei a terra com a enxada, semeei e ceifei o trigo, podei, empei, e sulfatei as vinhas. Depois e ainda nas fazendas trabalhei como tractorista, etc..

Como Moleiro fazia quase tudo o que a arte exigia, fiz velas novas para o moinho, enchia as suas cordas e fazia outras coisas que nem todos se habilitavam a fazer.

Quando foi preciso, fiz biscates de Pedreiro de Carpinteiro, de Serralheiro, etc...

Por brincadeira toquei Pífaró, Realejo, e Viola, o Acordéon era o meu sonho de criança, só que o acordéon custava muito dinheiro, e eu dei prioridade ao que era mais necessário para a minha vida, preocupando-me principalmente em dar um estudo aos meus filhos.

Só comprei o acordéon quando tinha cinquenta e nove anos, era uma concertina de teclas que me custou trinta e cinco contos, mas mesmo assim sem nunca ter uma aula, por brincadeira, cheguei a tocar em palco acompanhando alguns personagens que ali actuavam cantavam. A princípio ninguém sabia que eu tocava concertina e achavam graça. Como eu sabia que sabia pouco, era raro tocar em público, mas às vezes quando tocava as pessoas sorriam e batiam palmas, achavam uma certa graça.

	Nº	Nº
	palavras	ocorrências
Discurso interativo	24	1
Discurso teórico		
Relato interativo	202	1
Narração		